

Câncer pode proteger contra Alzheimer, e cientistas descobrem possível motivo

Estudo com camundongos descobriu que uma proteína produzida pelas células cancerígenas para se infiltrar no cérebro acaba ajudando a eliminar substâncias ligadas ao Alzheimer

Por O Globo — Rio de Janeiro

Cientistas têm observado há décadas que dificilmente uma mesma pessoa desenvolve câncer e Alzheimer, sugerindo que pode haver algum grau de proteção envolvido de uma doença contra a outra. Agora, um novo estudo, que levou 15 anos para ser concluído, publicado na revista científica Cell, ajuda a desvendar esse mistério.

Embora seja inicial, o trabalho, feito por pesquisadores da Universidade de Ciência e Tecnologia de Huazhong, em Wuhan, na China, com camundongos descobriu que uma proteína produzida pelas células cancerígenas para se infiltrar no cérebro acaba ajudando a eliminar placas de uma outra proteína chamada beta-amiloide características do desenvolvimento do Alzheimer.

Embora seja difícil confirmar uma relação, já que muitos pacientes com câncer morrem antes da idade em que desenvolveriam Alzheimer, a falta de um histórico oncológico entre os diagnosticados com a principal forma de demência do mundo chama a atenção há anos. Uma metanálise de 2020, com dados de mais de 9,6 milhões de pessoas, constatou uma redução de 11% na incidência de Alzheimer entre pessoas que tiveram câncer.

Por isso, no novo estudo, os cientistas desenvolveram camundongos feitos para terem a doença neurológica e transplantaram três tipos de tumores nos animais, de pulmão, colorretal e de próstata.

Um dos processos fisiológicos ligados ao Alzheimer é o acúmulo de uma proteína no cérebro chamada beta-amiloide. Ao não ser devidamente descartada, ela se aglomera e forma placas ao redor dos neurônios. Dessa forma, interrompem a comunicação entre as células nervosas.

Por isso, os medicamentos mais inovadores para a doença, como o Kisunla (donanemabe), da Eli Lilly, e o Legembi (lecanemabe), da Eisai e da Biogen, são anticorpos projetados para entrar no cérebro, se ligar a essas placas de beta-amiloide e eliminá-las.

Agora, com os camundongos, os cientistas chineses descobriram que as células cancerígenas produzem uma proteína chamada cistatina C (Cyst-C) que circula pela corrente sanguínea, atravessa a barreira hematoencefálica e entra no cérebro.

Ao chegar lá, essa proteína também se liga às placas de amiloide. Além disso, a Cyst-C se conecta ao receptor TREM2 presente na microglia, uma célula imune cerebral, ativando a sua ação. Com isso, a microglia passa a degradar os aglomerados de beta-amiloide.

Na pesquisa, os cientistas foram além e testaram a memória dos animais em um labirinto após receberem um tratamento feito com a proteína Cyst-C extraída dos tumores. Os camundongos melhoraram seu desempenho no experimento, sugerindo uma melhora cognitiva.

“Nossas descobertas proporcionam avanços conceituais significativos na neurociência do câncer e estabelecem caminhos terapêuticos distintos das atuais estratégias de redução de amiloide, com o objetivo de degradar as placas amiloides existentes para uma terapia de Alzheimer direcionada com precisão”, escreveu Youming Lu, autor sênior do artigo.

<https://oglobo.globo.com/saude/noticia/2026/01/26/cancer-pode-protetger-contr-alzheimer-e-cientistas-descobrem-possivel-motivo.ghtml>

Veículo: Online -> Portal -> Portal O Globo - Rio de Janeiro/RJ